

## TROVOADA

Bárbara Poli Uliano Shinkawa<sup>1</sup>

A Sérgio Paulo Adolfo

Os atabaques cessaram  
ao ouvir  
o grito estridente de Xangô  
*Canô Cabieci!*  
Saudavam apressados os súditos,  
“Faltou o ebó?”  
“Não se cumpriram as oferendas de quarta?”  
Alarmados se questionavam

O rei de Oió não cessou.  
A trovoada era estridente,  
Iansã saiu em auxílio  
E o grito mais forte ecoou  
*Eparrei!*

Xangô grita de dor  
e revolta;  
O filho dileto;  
Açoitado;  
De açoite de morte;  
De injustiça.  
Cessem os atabaques  
O rei sofre.

---

<sup>1</sup> Professora do Instituto Federal do Paraná – Campus Paranavaí. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR

Como agradar ao rei?  
O evemérico rei é justa;  
E a injustiça solta roubando  
os doces da vida dos filhos reais.

A vida estrangulada pela morte  
faz Xangô, rei da justiça  
chorar de dor a partida  
do filho humilhado.

O céu perdeu a luz.  
As cores da natureza se recolheram.  
Os doces perderam a doçura,  
só azedume, amargura...  
As flores, a fragrância não tem mais,  
só o cheiro da morte maldita  
e a cor?  
Que cor poderia ter a dor?

A dor de se arrancar do filho a terra;  
De puxar a alma;  
De abandonar filhos;  
Do açoite rasgando o ar e a pele;  
De arrancar o coração...  
Que cor poderia ter a dor?

O vermelho que também é de Xangô  
é de amor, mas hoje é de dor.  
Como apaziguar o coração, rei?  
“Faça-se justiça!”  
O filho não voltará,  
os doces não distribuirá,

as flores tão pouco.

Descanse Tata

Haverá outros filhos onde está.

Esteja em uma sombra frondosa

a conversar e a ensinar

sobre a magia

da vida e das coisas...

e filhos certamente com fome

de sabedoria

ouvirão suas poesias

sobre homens e divindades.

Xangô vê o filho feliz em novo lugar,

amenizou o coração.

*Canô Cabieci!*

O céu vai se abrindo

com certo ar poético.

Tata, conte-nos mais!

E histórias vão novamente povoando a terra.